

A CONTRIBUIÇÃO DO ENFOQUE ANALÍTICO E DO TRABALHO CORPORAL NO TRATAMENTO DE PACIENTES COM QUEIXAS PSICOSSOMÁTICAS

Shirleine Aparecida L. Gimenes

Psicóloga Clínica com especialização em Cinesiologia pelo Sedes.

Na minha experiência profissional, tenho percebido que o trabalho corporal, sob o enfoque analítico, tem sido um instrumento eficaz que auxilia na evolução do processo de percepção e compreensão de símbolos que se originam do universo interno inconsciente de cada um. Esses conteúdos, por sua vez, buscam espaço e expressão na consciência e, quando assimilados por esta, acabam por fazer que a mesma seja ampliada e diferenciada da massa coletiva. Caso essa situação não ocorra, tais símbolos podem manifestar-se das mais variadas formas, desde as mais sutis até as mais concretas.

No paciente que apresenta queixas psicossomáticas, entre as diversas manifestações simbólicas da realidade interna, está presente a dor e/ou a doença, que vem sinalizar o desequilíbrio de algo que não havia sido devidamente percebido e, portanto, marginalizado da consciência. Na grande maioria dos casos, os conteúdos reprimidos e não conscientes vinham acarretando tal desequilíbrio há muito tempo, porém manifestavam-se de forma sutil. Com o passar do tempo, ao não encontrarem sistematicamente espaço na consciência, os mesmos buscam gradativamente a sua expressão na forma mais densa e sofrida a cada vez que são ignorados, podendo criar desde um sintoma corporal até uma patologia de fato..

Embora os sintomas façam o indivíduo sofrer, eles apresentam um caráter

positivo, pois sinalizam que algo não está bem; seja esta disfunção na esfera das emoções, sentimentos e afetos e/ou na estrutura anatomo-fisiológica, merecendo portanto um cuidado maior por parte do paciente.

A linguagem do corpo, além de apresentar uma possível sintomatologia, também expressa sensações e emoções que, geralmente, ficam ofuscadas pela excessiva racionalidade, herança esta adquirida na cultura vigente (ocidental) que, embora tivesse sua importância na formação de nossa consciência, tanto individual como coletiva, acabou por adotar um caminho extremo e unilateral, valorizando principalmente o pensamento convergente em detrimento do sentimento, da intuição e mesmo da percepção em termos proprioceptivos (sensações internas).

A valorização da perceptibilidade do próprio corpo, desde as sensações mais presentes até o estímulo corporal mais sutil, pode ser de grande valia, tanto para resgatar a integração mente-corpo perdida ao longo dos últimos séculos, como também, principalmente no caso do paciente psicossomático, facilitar uma possível compreensão do surgimento e finalidade de sua patologia, tirando da mesma o caráter autônomo e fragmentado em relação à totalidade do Ser. Segundo esta nova visão, o indivíduo não é identificado apenas pela doença, mas como um ser que pertence a uma determinada sociedade e cultura, que possui características físicas e psíquicas que lhe são próprias e que, ao apresentar alguma disfunção em algum dos aspectos acima mencionados, atinge paralelamente nos outros. Tal fenômeno acontece pelo fato de existir uma inter-relação dinâmica entre todos os aspectos que fazem parte do Humano, e o resultado dessa comunicação faz com que o Ser se torne um universo único e diferenciado, o que impossibilita ou dificulta analisá-lo de maneira parcial, apenas pela manifestação do sintoma ou da doença, sem que haja a conexão com as demais esferas.

O nosso corpo foi a nossa primeira e significativa forma de comunicação com o meio; chorávamos quando tínhamos fome e dor, experimentamos sensações de prazer e desprazer e, principalmente através do toque e do sentir, nasceu a consciência de SER e estar no mundo. Ao ter início o desenvolvimento da consciência surge também o seu importante mediador (ego), cuja função é rece-

ber e organizar os conteúdos (símbolos) oriundos do inconsciente, de forma linear e contínua, estabelecendo a noção de tempo e espaço. *Jung define o ego como um complexo de elementos numerosos formando uma unidade coesa para transmitir impressão de continuidade e de identidade consigo mesmo*” (Silveira, A. 1981).

Segundo Neumann, o desenvolvimento desse importante complexo inicia-se gradativamente desde os primórdios da existência do Ser Humano, através das primeiras experiências corporais na relação primal (mãe-filho) e o resultado desta troca faz com que tenha origem o desenvolvimento das primeiras noções de Ser no mundo (Distinção do eu-tu). O autor ainda ressalta que inicialmente, a criança vive uma realidade unitária (estágio pré-urobórico) e encontra-se imersa na inconsciência, sendo sua psique regida pelo seu Self Corporal e o Self da Mãe. A função do primeiro é ser o centro regulador da totalidade do organismo da criança e o segundo é responsável pela conexão entre o primeiro núcleo e o mundo.

O Self Corporal vai além da pura manifestação fisiológica. Sendo assim, podemos pressupor que, nessa realidade, além do caráter hereditário e o direcionamento do organismo para suprir as necessidades fisiológicas, está presente também uma extrema sensibilidade corpórea para assimilar os estímulos de origem interna e externa, sejam eles de natureza positiva ou negativa.

Da inter-relação das duas realidades mencionadas, em que em uma está contida os instintos e as necessidades básicas (físicas e psíquicas) da criança e na outra o contato desenvolvido entre a mãe e seu filho, origina-se o desenvolvimento do Self individual da criança e conseqüentemente, sua respectiva consciência.

Sendo assim, o corpo passa a ser, simbolicamente, um arquivo no qual está impressa a história do Ser humano, numa riqueza de registros de sensações e emoções que foram significativas e ficam gravadas corporalmente, dizendo de alguma forma quem ele é. Tal vivência em muitas situações parece interferir na vida posterior do indivíduo, pois este se relaciona em grande parte com o mundo de acordo com o que experimentou e sentiu.

Denise Ramos, em seu trabalho “A Psique do Corpo”, faz uma correlação

entre o sintoma/dor, e uma possível “falha” no funcionamento da relação primal, na qual o indivíduo perdeu a conexão de seu corpo com seu inconsciente somático (Self Corporal), de modo que a abstração e a vivência fantasiosa ficaram desconectados do funcionamento orgânico, comprometendo a comunicação com a consciência e, conseqüentemente o seu desenvolvimento. Segundo a autora, esse processo, provavelmente desencadeia formas arcaicas de funcionamento mental, formas simbólicas pré-verbais e primitivas, naturais no estágio infantil. O pensamento desenvolvido pela autora fica claro nesta exposição:

“Sabemos que os bebês reagem corporalmente ao medo ou à sensação de abandono. As estruturas psíquicas são construídas primeiramente nas reações psicofisiológicas. Podemos supor que, quando um adulto reage com um sintoma a uma sensação de abandono, ele estaria revivendo um padrão infantil de comportamento, como uma criança, a qual por não ter uma linguagem verbal, responde psicossomaticamente à dor”.

Deve-se deixar claro que a emergência da somatização não significa que o paciente não simbolize, mas que essa simbolização acontece no nível somático.

Segundo MacDougall, ao não acontecer a elaboração simbólica abstrata de certos estados emocionais, haveria a tendência à cisão da personalidade, que poderia apresentar dois tipos de manifestação:

“A primeira leva a uma patologia autística, onde o corpo e seu funcionamento somático freqüentemente permanecem intactos, enquanto a mente se fecha ao mundo externo; e o segundo mantém a relação com o mundo externo intacta, com o risco de que o soma comece a agir de modo autístico, isto é, desligado das mensagens afetivas da psique em termos de representações do mundo, deixando que poderosas representações de coisas procurem uma expressão não – verbal”

Em ambos os casos descritos, há uma tendência de regressão profunda, que pode ocorrer devido a uma desorganização e indiferenciação num nível primário. A diferença que há entre as duas situações é que na primeira (estados psicóticos) aconteceria sua manifestação simbólica no nível abstrato, havendo um comprometimento da relação do Ser com o meio; a segunda se expressaria no

nível mais concreto, na qual a relação do ser com o meio estaria intacta, porém a manifestação simbólica canalizar-se-ia para o corpo, trazendo “dolorosas conseqüências”. Neste segundo caso, um distúrbio ou patologia poderia estar sinalizando um desequilíbrio na inter-relação entre as duas instâncias (consciente e inconsciente), como afirma Paulo Ruby no seguinte trecho:

O sintoma pode ser a representação simbólica de um desequilíbrio entre a consciência, representada pelo ego que é o seu regente, e o Self ou si-mesmo. O conteúdo inconsciente, neste caso, pode vir freqüentemente representado pelos aspectos da sombra. Este fenômeno é chamado pela psicologia de C.G. Jung, de complexo. Jung afirma que os complexos tem sempre um núcleo afetivo, provocando uma alteração física simultânea com a sua ativação.

Inicialmente, para diagnosticar neuroses e psicoses, Jung investigou a relação corpo-psique. Através de um galvanômetro, aparelho utilizado para medir respostas corporais, durante testes de associação, ele observou que o comportamento elétrico da pele mudava sempre que os complexos estivessem presentes. Para Jung, tanto nas neuroses quanto nas psicoses, os sintomas de natureza somática ou psíquica originam-se dos complexos. Segundo Denise Ramos: “quanto maior a intensidade do complexo, maior a sintomatologia; seu efeito de produzir uma doença”

O que pode-se concluir é que este importante mensageiro da realidade interna (o corpo) não tem sido muito bem vindo nos dias atuais, pois mostra a tentativa do Homem em dominar seu “lado instintivo”, sendo a corporalidade sufocada e reprimida no inconsciente. Porém como já foi observado e analisado, esse esforço torna-se inútil, pois a sua linguagem, embora seja abafada, emerge através das vias que já foram abordadas, que é a formação do complexo, manifestando-se de forma autônoma e simbólica na consciência. Ao negligenciar esta linguagem, ele deteriora a sua natureza e lesa seu corpo.

Portanto, acredito que o trabalho de consciência corporal no contexto terapêutico pode criar a oportunidade de restabelecer “a reconexão com Self Corporal”, onde a linguagem primal de alguma forma pode estar *simbolicamente*

sendo reproduzida, podendo o sujeito através do toque, da percepção dos limites do próprio corpo, resgatar as imagens e as ligações afetivas referentes a estas vivências e outras que sejam significativas. Nessa situação, torna-se importante no *setting* terapêutico o acolhimento, o estar presente e preferencialmente condições para facilitar a comunicação com a linguagem do corpo, que é de extrema importância no estágio acima descrito.

Bibliografia:

- 1) NEUMANN, Erich. *A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o início de sua Formação*. 10ª edição. S. Paulo, Ed. Cultrix., 1995
- 2) RAMOS, Denise Gimenez. *A Psique do Corpo – Uma compreensão Simbólica da doença*. S.Paulo, Ed. Summus, 1994
- 3) RUBY, Paulo. *As faces do Humano: Estudos de Tipologia Junguiana e Psicossomática*, S. Paulo, Oficina de Textos, 1998.
- 4) SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. 7ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1981.